

TEIXEIRA, Paula Caruso; RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Pesquisando Nanã no terreiro de Mãe Mirian: das primeiras vivências de campo ao co-habitar com a fonte e o que começa a emergir do corpo da bailarina-pesquisadora-intérprete.** Campinas: UNICAMP. Instituto de Artes, Unicamp; Professora Doutora; Professora Titular. Bailarinas, pesquisadoras e diretoras.

RESUMO

Nesse artigo será realizado um primeiro relato e análises das vivências das investigações de campo feitas no terreiro de Candomblé da Mãe- de- santo Mirian, em Maceió-AL, desde julho de 2015 a abril deste ano. O texto abordará do primeiro contato ao co-habitar com a fonte da bailarina-pesquisadora-intérprete e o que essas experiências de campo repercutiram até o momento no seu corpo. A metodologia utilizada em toda a pesquisa é o Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI).

PALAVRAS-CHAVES: Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Dança do Brasil: co-habitar com a fonte.

TEIXEIRA, Paulo Caruso; RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Researching Nanã at Mãe Mirian's temple: from the first field experiences to cohabiting with the source axis and what begins to emerge from the dancer-researcher-performer.** Campinas: UNICAMP. Arts Institute, Unicamp; Doctor; Professor. Dancers, researchers and directors.

ABSTRACT

In this article a first report and analysis of the experiences of a field investigation carried out at Mãe Mirian's Candomblé temple, in Maceió (Alagoas, Brazil) from July 2015 to April 2017, will be done. The text approaches from the very first contact with the cohabiting with the source axis and what these field experiences have reverberated to this moment in the dancer-researcher-performer's body. The methodology used throughout the research is the Dancer-Researcher-Performer Method (BPI).

KEY WORDS: Dancer-Researcher-Performer: Dance of Brazil: Cohabiting with the Source.

O Ponto de Partida da pesquisa: o primeiro encontro com Mãe Mirian

A ideia inicial para o projeto "Pesquisando Nanã no terreiro de Mãe Mirian" surgiu em junho de 2015, no momento em que comecei a orientar dois alunos do

curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) –Maceió-ALⁱ, que queriam investigar terreiros de candomblé.

Num primeiro momento, fizemos um contato com o Pai de Santo Célio que tem um terreiro de candomblé no bairro de Pajuçara em Maceió-AL. Mas ele estava mudando o seu terreiro para outro espaço e por causa disso, naquele semestre, não realizaria as festas, o que nos levou a procurar outro lugar para investigarmos.

Uma colega da UFAL me indicou o terreiro de Mãe Mirian e me colocou que era um dos mais antigos de Maceió e que ela era filha de Nanã, considerada a anciã dos orixás. E isto me despertou o interesse.

Mas é necessário destacar que, a vontade de investigar terreiros vinha desde o período do meu Doutorado em Artes da Cena no Instituto de Artes na UNICAMP, durante o qual entrevistei em 2012, o Pai de Santo Carlos Alberto da Costa, conhecido como *Neguinho*, que é investigado desde 1980 pela Profa. Dra. Graziela Rodrigues e que tem um terreiro de Umbanda em Brasília-DF. Desde esse período, comecei a me lembrar da minha adolescência, sobretudo da minha avó paterna que participava de terreiro de umbanda em Heliodora-MG e que era devota da entidade Preta Velha. Aliás, a imagem de vovó Mariana rezando no seu congáⁱⁱ escondido para sua Sá Conga, que era o nome da sua Preta Velha, foi uma das primeiras imagens que vieram nos meus primeiros laboratórios do inventário no corpoⁱⁱⁱ, quando iniciei os meus estudos sobre o Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) com a Profa. Dra. Graziela Rodrigues no curso de graduação em Dança da Unicamp em 1992 e que me orienta até a atualidade.

Quando fiz o meu primeiro contato com Mãe Mirian, na minha primeira visita ao seu terreiro, a empatia com ela, com suas histórias e com seu espaço foi a confirmação que era ali que investigaria. Como escreve Rodrigues (2003, p.106): “O que pesquisar e onde pesquisar é determinado por aquilo que motiva o pesquisador a entrar em contato”.

Escrevi no meu diário de campo a frase que ela me perguntou naquele dia e que me fez lembrar da minha avó materna: “Você está bem minha filha?” O seu jeito acolhedor me fez vencer o medo que senti na primeira vez que entrei em seu terreiro.

Mesmo tendo já vinte e cinco anos de pesquisa em Dança do Brasil, nesta investigação entrei em contatos com este sentimento, que é comum quando se entra num

novo campo. O estranhamento faz parte da pesquisa de campo. No meu caso, era a primeira vez que iniciava uma pesquisa sobre candomblé.

Já tinha investigado sobre várias manifestações ligadas a cultura caipira: folia de reis, dança de São Gonçalo, catira, folia do Divino. Além de congada, colheita de café, de uva, entre outras. Já tinha ido a algumas festas em outros terreiros de umbanda e de candomblé. Mas agora, o primeiro contato foi realmente a porta de entrada para se iniciar um contato mais profundo.

Mãe Mirian e o seu terreiro em Maceió-AL: o congá no corpo

Neste dia em que a conheci, Mãe Mirian me contou um pouco da sua história. Disse-me que nasceu em Piranhas, interior de Alagoas. “Sou a filha mais velha, tive uma infância difícil, pobre, com muitas doenças. Aos 11 anos, comecei a ver vultos e meus pais apesar de serem católicos foram aconselhados a procurar um terreiro para me levar, para ver se eu ficava bem”.

Naquela época, há quase setenta anos atrás, era difícil encontrar um terreiro em Maceió. Isso por causa da *Quebra de Xangô em 1912^{iv}*. Até que os seus pais acharam um terreiro de jurema^v, onde ela foi iniciada. Depois, ela conheceu um pai de santo de candomblé que a levou à Bahia, onde ela foi iniciada também nessa religião.

Quando voltou à Maceió, montou como ela disse, a sua casa. E continuou:

Aqui não é como os terreiros da Bahia, que a mãe de santo e as filhas de santo moram num terreiro grande. (...) Meu terreiro é pequeno, não é um terreiro, é uma casa onde se realizam os rituais. Aqui faço o culto aos orixás e as entidades. (...) O certo era fazer cada um no seu espaço, a jurema num espaço e o candomblé no outro. Mas por falta de espaço, faço tudo no mesmo lugar. (...) O meu sonho era ter um congá para as minhas entidades da jurema. Mas não tenho. **O meu congá está no corpo**. Mas mesmo assim, faço a minha jurema, com os Caboclos, Preta velha, os Boiadeiros, os Marujos. De vez em quando, aparece um Cigano. (...). E tem também os Exus e as Pombas giras que são os mensageiros.

Nesta fala, ela confirmou duas particularidades dos terreiros de Maceió como comenta Irinéia Maria Franco dos Santos (2014, p. 348), que após o episódio do *Quebra*, nos terreiros de Maceió, (...) “fez que a retomada das práticas religiosas se desse com adaptações entre o culto doméstico nagô, junto a outros elementos da jurema e do espiritismo e catolicismo popular”. Assim, na atualidade, quase todos os terreiros de candomblé de Maceió também realizam os rituais de jurema.

Outra consequência nestes terreiros após o *Quebra* é que: “Os cultos afro-brasileiros existem de forma quase invisível em Maceió, primando por uma estética despojada de luxos, discreta, sem ostentações desnecessárias, para não chamar a atenção” (ALCÂNTARA, 2012, p.28).

Seu terreiro, como ela descreveu tem um espaço pequeno. Ela e seus iniciados não moram nele. Isso é comum a outros terreiros de Maceió, que ficam no fundo dos terrenos, às escondidas ou em espaços bem afastados do centro da cidade.

No terreiro de Mãe Mirian, existe o espaço para a realização das festas (o barracão), o espaço da cozinha, a lavanderia, o quarto dos búzios, o espaço mato^{vi} que também é pequeno e dois quartos pequenos onde ficam as camarinhas^{vii}.

O congá de Mãe Mirian, como ela própria disse, está no corpo. E isso, reflete a força de resistência da sua casa, que mesmo que não se tenha mais imagens de orixás e entidades ou se tenha poucas, a essência dos rituais ainda estão ali, expressas nos corpos dos seus iniciados. No seu terreiro, é muito expressiva a dança dos seus filhos de santo, em especial, dos mais velhos, que já são iniciados há mais de vinte anos.

Mãe Mirian: A Nanã de Maceió

Como já foi escrito desde o início deste artigo, Mãe Mirian é filha de Nanã. Só que a localização do seu terreiro em Maceió-AL é muito significativa. Como ela mesma destacou, durante a sua benção na festa de Nanã em julho de 2016: “O meu terreiro só podia ser em Maceió, nas terras das Alagoas”.

É porque a palavra Maceió significa *terra do alagadiço* e isso se deve porque a cidade além de ter belas praias é rodeada de lagoas, sendo uma das mais conhecidas a do Mundaú, onde nas duas festas de Nanã pesquisadas, foi entregue as oferendas ao orixá.

Nanã é considerada “(...) a mais antiga divindade das águas. (...). Terra-mãe, água das lagoas e das fontes. Nanã é também deusa da fertilidade do solo, do grão que morre e renasce. (...) Nanã era dona da sabedoria (...)” (AUGRAS, 2008, p.127, 129).

Mãe Mirian no seu cotidiano, de certa forma, personifica características desse orixá. Ela é considerada uma das matriarcas do candomblé de Maceió-AL, por causa do seu terreiro ser um dos mais antigos da cidade e ela já ter iniciado vários pais e mães de santo. Ela tem uma força e vitalidade impressionante para uma senhora que tem mais de sessenta anos de iniciação.

De Nanã a Ogum: adentrando no espaço do terreiro

De junho de 2015 à abril deste ano, pesquisei algumas das festas de candomblé que ocorrem no terreiro de Mãe Mirian. É importante esclarecer que a pesquisa de campo realizada se utilizou do método BPI, que é singular e que é voltado para a criação artística. Como escrevi no meu mestrado (TEIXEIRA, 2007, p. 7):

(...) nela o bailarino-pesquisador-intérprete não busca elementos teóricos do campo e, sim, a apreensão sinestésica do corpo do outro. (...) para capturar, como uma antena parabólica, todos os sinais do campo, ou seja, o máximo da paisagem, uma abrangência dos cheiros, dos sons, dos movimentos, dos gestos, de tudo o que é visível e, ainda, dos que não é visível, os significados.

Relatarei a seguir, algumas das principais impressões das festas que mais me marcaram durante este percurso. Estes relatos foram escritos, principalmente, com base nos meus diários de campo, nos diários dos laboratórios e nos poucos registros audiovisuais realizados. Como explica Rodrigues (2010, p.112) sobre a importância dos diários dentro do BPI: “Os registros irão possibilitar uma reflexão essencial para o intérprete, auxiliando-o a montar o mapa de consciência de seu processo”.

- **Festa de Nanã**

Foi muito especial começar esta pesquisa pela festa da “Dona da Casa”: Nanã. O seu dia é 26 de julho. A sua primeira festa que fui, ocorreu em 25/07/2015.

Entrei no barracão que estava todo enfeitado com panos lilás e branco no teto e o trono de Mãe Mirian também todo arrumado ao lado dos tambores. Lilás é a cor da Nanã. Mãe Mirian começou puxando o xirê. Segundo Martins (2008, p. 41): “A festa pública é iniciada com o xirê, também conhecido como s dança da roda, ocasião em que a mãe –de- santo, acompanhada de outros religiosos, adentra a entrada principal do barracão (...)”. Na casa de Mãe Mirian, nesta dança da roda que evoca os orixás, as mulheres ficam na roda do lado de fora e os homens na roda do lado de dentro.

Depois da incorporação de vários orixás, ela voltou ao centro da roda no final da festa, dançando toda paramentada de Nanã, de branco e lilás, carregando seu Ibiri^{viii}, ninando-o e com a postura abaulada.

A postura abaulada de Nanã se assemelha a postura da entidade do Preto-Velho na umbanda quando se manifesta, que confirma essa característica da sabedoria de ambos. Como descreve Graziela Rodrigues (1997, p.51):

A postura abaulada, acentuada curvatura anterior do eixo-coluna, é assumida quando se faz presente a ancestralidade. Os movimentos nesta postura são pausados e lentos, o tronco apresenta densidade; porém não é para denotar desgaste no corpo físico, mas para representar o arquétipo do Preto-Velho que traz em si a sabedoria pelo muito que viveu.

Ainda destaco na sua bela dança a densidade do seu corpo e os pés que imprimiam o esforço máximo no solo^{ix}, os pés aterrados de um orixá que segunda sua mitologia, já viveu muito.

Depois de dançar incorporada, Mãe Mirian se sentou no seu trono e todos os seus filhos de santo vieram saudá-la, mais os pais e mães de santo da cidade. O terreiro estava lotado. Depois a benção era oferecida a quem a quisesse. Fui na fila e também pedi a sua benção. Ela encostou sua fronte na minha, senti uma energia, o axé! ^x

Depois deste momento, ela abençoou as oferendas que seriam levadas a lagoa do Mundaú, todas as comidas, flores e outros presentes a Nanã. Em seguida, todos os filhos de santo e alguns convidados foram a lagoa.

Para mim, este foi um dos momentos mais significativos do ritual. Chegamos a uma parte da grande lagoa do Mundaú de Maceió. Era quase meia-noite. Tudo escuro e o chão cheio de lama. (...) Quando os ogãs^{xi} começaram a descer do caminhão os tambores e as oferendas para serem entregues a lagoa, desabou uma forte chuva. Parecia que Nanã tinha chamado a chuva. Não dá para falar dela sem falar da água, da terra, enfim, da lama. E foi assim que voltei para casa, toda molhada e com os sapatos cheios de lama, a alma e o corpo renascidos no lamaçal de Nanã.

Neste dia, após estas vivências comecei a perceber o que Mãe Mirian tinha me ensinado na primeira conversa, que os orixás são ligados a natureza, a sua força e que “Nanã é ligada as lagoas, a água e a terra. É na terra que a gente nasce e é para ela que a gente volta”.

- **Festa de São Cosme e de São Damião**

“Hoje tem festa no céu / tem festa no mar/
São Cosme e São Damião viemos celebrar”
(canto coletado no terreiro de Mãe Mirian)

A festa de São Cosme e de São Damião foi uma das festas que depois da de Nanã mais me sensibilizaram e que não por acaso os movimentos, sentidos, paisagens e emoções se impregnaram no meu corpo como será explicado mais adiante neste artigo.

O ritual de devoção aos santos-mártires protetores das crianças é comemorado geralmente, no dia 27 de setembro. No terreiro de Mãe Miriam é uma grande festa. No fundo do barracão, do lado direito, neste dia um congá bem colorido foi montado: com doces, pirulitos, bolos, bonecas e as imagens dos santos mirins.

Após esta vivência, compreendi melhor o significado desta festa, não por acaso, no candomblé associada a incorporação dos Erês. No candomblé, Erê é o intermediário entre a pessoa e o seu Orixá, é o aflorar da criança que cada um guarda dentro de si.

Na casa de Mãe Mirian, é visível a mudança nos corpos dos iniciados quando incorporam os Erês. É como se eles voltassem a ser crianças. A roda que inicia a festa é formada por crianças convidadas e os adultos, filhos de santo, que ficam na roda de fora. Os cantos começam a ser entoados pelos ogãs e aos poucos, os Erês são incorporados pelos iniciados. Quando são incorporados, os corpos dos iniciados se modificam. O iniciado, geralmente, dá um grito, pula e o seu corpo parece que voltou a ser o de uma criança, rápido, articulado, leve. Alguns davam cambalhotas, rolavam pelo chão, faziam estrela, parada de mão, andavam de cócoras. Brincavam de trenzinho, de pega-pega, esconde-esconde, lambuzavam-se de doce, de chocolate que é distribuído durante a festa. (...) Pediam a Mãe Mirian e aos convidados, com voz em falsete: *dá um dinheirinho, uma moeda?* Brigavam entre si e roubavam brinquedos das crianças que estavam na festa.

Quando os Erês são incorporados, os iniciados modificam suas roupas brancas. Alguns amarravam no peito panos de chitinha colorido, amarravam brinquedos, como bonecas na cintura e outros objetos, que nos remetem a infância.

Outro aspecto que me chamou a atenção naquele dia, foram os olhares tristes das crianças humildes que moram nas redondezas do terreiro e que chegavam a festa para ganhar pacote de doces, de balas e brinquedos. Era impressionante o quanto elas se alegravam um pouco quando ganhavam os presentes desta festa feita para elas.

Refletindo sobre esta festa de São Cosme e de São Damião, para mim, ela é como uma oração, um grito, um manifesto num dos estados mais miseráveis do país, onde o índice de mortalidade infantil ainda é altíssimo, onde vivia encontrando nas ruas do centro inúmeras crianças caídas nas calçadas, abandonadas à própria sorte: famintas, machucadas, drogadas ou se prostituindo. Não por acaso, um dos versos cantados pelo ogã mais antigo da casa, foi o que mais me marcou e sintetiza esta experiência “São Cosme e São Damião salvai as crianças”!

- **Festa de Iemanjá**

Acredito que a festa de Iemanjá no terreiro de Mãe Mirian é uma das mais bonitas do seu terreiro depois da de Nanã. Talvez porque festa de Iemanjá em cidade beira-mar é sempre especial. Já tinha visto várias oferendas a Iemanjá em outras praias de Recife, de Salvador, mas nunca tinha apreciado toda a preparação das oferendas até o mar.

Destacarei aqui vários momentos desta longa festa, que começou às 20:00 e terminou às duas horas da manhã. Desta vez, o terreiro estava enfeitado de branco e azul, cores da Rainha do Mar. Muitos arranjos de flores perto dos ogãs e na mesa do lado esquerdo colocada ao lado da entrada do barracão.

O xirê começou e como de costume, aconteceram as saudações a cada orixá. Aconteceram algumas incorporações, mas naquele dia não poderia faltar a de uma Iemanjá. E uma filha de santo de Iemanjá saiu da camarinha, com uma leveza nos movimentos dos seus braços, que pareciam estar na água. De repente, M.^{xii}, filho de Ogum, entrou no meio da roda incorporado e a saudou.

Foi lindo! Ele (referindo-me a M.) veio com toda a sua força, seus giros na postura perpendicular^{xiii}, seu brado de guerreiro e seus pés usavam mais os micro apoios em alguns momentos. O seu corpo todo era muito presente. M. girava e a saudava e depois, no final da dança, abraçou-a e a ergueu.

Após quatro horas de xirê, Mãe Mirian puxou a fila das mães e filhas de santo levando na cabeça as oferendas (perfume de alfazema, espelhos, flores e comidas) que seriam antes abençoadas no seu terreiro.

As oferendas foram colocadas sobre um pano branco no chão e todas as filhas de santo se ajoelharam ou se deitaram de lado no chão, ou seja, fizeram o movimento de “bater cabeça”, como conhecemos no candomblé e na umbanda, de reverenciar a mãe de santo. Ela por sua vez, no seu trono puxou cantos a Sereia do Mar, agradeceu a presença de todos e os abençoou além das oferendas. Depois, seguimos a pé num cortejo até a praia de Pajuçara em Maceió, puxados pelos ogãs que iam a frente com os tambores e entoando cantos à Mãe Sereia.

Ao chegarem à praia, eles montaram um pano branco e sobre este colocaram as oferendas. Cantaram, dançaram para Iemanjá. O mais bonito foi ver Mãe Mirian e as mães de santo ali presentes benzer todos com perfume de alfazema. A Alfazema de Iemanjá que limpa e perfuma.

Depois alguns filhos de santo e os ogãs encaminharam as oferendas para o alto mar através de um barco menor e dele para um barco maior. Foi neste momento, que Mãe Mirian me chamou para conversar e (...) me contou a história do pescador que levava aquelas oferendas.

Ela me disse em outras palavras:

Ele quase morreu em alto mar numa pescaria. O barco virou e ele afundou. Naquele momento ele fez uma promessa a Iemanjá. Que se salvasse, ele iria ajudar a levar as oferendas para ela todo ano na sua festa. E assim aconteceu e ele há dez anos paga esta promessa. E completou: É, todo pescador é devoto de Iemanjá, eles acreditam mesmo que ela os guarda e que é ela que traz os peixes para a sua rede. São muitas as histórias de pescadores com ela. O meu pai de santo me falava isso quando me iniciei.

Já sabia disso, dessa ligação dos pescadores com Iemanjá, mas ouvindo de Mãe Mirian, isto tem outra força. Quando li trechos dos mitos de Iemanjá no livro de Reginaldo Prandi (2001, p. 390-391), isto se confirmou mais uma vez:

Iemanjá é dona de rara beleza, (...)
E assim acontece sempre toda a noite,
quando Iemanjá Conlá se encanta com os pescadores
que saem em seus barcos e jangadas para trabalhar
Ela leva o escolhido para o fundo do mar e se deixa possuir
E depois o traz de novo, sem vida, para a areia.
As noivas e as esposas (...)

Levam para o mar muitos presentes,
Flores, espelhos e perfumes,
Para que Iemanjá mande sempre muitos peixes
e deixe viver os pescadores.

Outro momento especial desta festa foi o momento em que as mulheres (mães e filhas de santo) ficaram olhando para o mar... Umas entravam só com os pés no mar, outras só o tocavam e se abençoavam. Outras jogavam rosas brancas, outras ficavam balbuciando orações a Rainha do Mar, com um olhar que misturava súplica e esperança.

Depois também desta vivência, descobri um outro mito de Iemanjá que destaca esta relação das mulheres com ela. Em especial, das mulheres dos pescadores.

Mais uma vez, saliento outro ensinamento de Mãe Mirian neste dia. Ela me disse: “O que importava era a oferta para Iemanjá. Ela ficava feliz com isto. Depois ela devolvia alguns presentes e o mar os trazia”.

O barco que levou as oferendas voltou depois de um tempo e para minha surpresa, alguns dos filhos de santo incorporaram Erês. Aí, foi a farra! Os Erês voltaram para mostrar que tudo se renova. Novamente os Erês para alegrar o final da festa, uns rolavam na areia, outros brincavam de correr na areia, de se jogar no mar, de se esconder.

Neste dia, após o final da festa que terminou no terreiro, com um grande banquete, voltei para casa recendendo o perfume de Alfazema de Iemanjá. Este perfume me lembrou das minhas avós, que o usavam. Trouxe-me sensação de aconchego.

Os andores com rosas brancas, as rosas brancas lançadas ao mar, o olhar de quem espera, as palavras balbuciadas a Rainha do mar foram as imagens que mais me marcaram neste dia e também o sentimento de esperança.

- **Festa de Ogum**

Na festa de Ogum que foi no dia 23/04/2017, o barracão estava todo enfeitado de branco, azul e verde, cores de Ogum. As filhas e mães de santo presentes também estavam com saias estampadas ou lisas que destacavam estas cores.

Quando cheguei ao terreiro, o xirê tinha acabado de começar e logo, aconteceram várias incorporações. Neste dia, vários orixás foram incorporados, e, em especial, os masculinos, como Oxossi, Xangô^{xiv}, além de Ogum, é claro, o dono da festa.

Mais uma vez, chamou a minha atenção os movimentos das mulheres mais velhas e principalmente, das mulatas ou negras, que apresentavam um tônus mais de resistência^{xv}, uma expressividade de todo o corpo quando dançavam, sejam os gestos no xirê seja nas horas das suas incorporações.

Quem me surpreendeu dançando neste dia foi o filho de Ogum, dono da festa, o N. que já tinha me chamado a atenção pela inteireza do seu corpo ao puxar os cantos no xirê com sua postura na vertical^{xvi} de rei.

N. quando incorpora Ogum é belíssimo dançando! Tirei fotos dele saindo da camarinha. Sua máscara facial quando incorporado é expressiva, assim como todo o seu corpo, seus movimentos lembravam o tônus e a força do Ogum do M. Ele dançou com uma espada, fez gestos de pegar algo no espaço e firmava o corpo no chão como um guerreiro. Seu olhar expressava força!

N. expressou com sua dança neste dia os sentidos de Ogum, o guerreiro, que com seu brado abre caminhos e que tem o olhar atento, em prontidão e o corpo fincado como um mastro para lutar.

No final da festa, depois de várias incorporações, N. voltou sem a roupa de Ogum e para minha surpresa, puxou um samba de roda. As mulheres se aproximaram timidamente, mas aos poucos, soltaram os movimentos da pelve que “através do cóccix desenha na horizontal o infinito” (RODRIGUES, 2005, p. 49) e, com os pés fizeram o miudinho do samba de roda.

Depois do samba, abriram o espaço do barracão, colocaram as comidas, bebidas da festa e começaram a servir a feijoada. Não sabia que feijoada era comida de Ogum! E que samba de roda também era feito na sua festa. Mãe Mirian depois me explicou que era comum no final da festa de Ogum e de Caboclo ter samba.

Neste dia, comecei a perceber que cada festa de orixá tem não só a sua cor, mas a energia da cada orixá. A festa de Ogum passou-me força, firmeza, resistência e não por acaso terminou com uma feijoada.

A feijoada é uma comida de santo que virou símbolo da culinária brasileira, criada pelos escravos que a faziam com os restos da carne de porco da Casa Grande, no período colonial. Feijoada é um dos símbolos da resistência dos negros diante dos seus sofrimentos.

Próxima a camarinha: o co-habitar com a fonte no terreiro

Durante estes dois anos de investigações, gradativamente foi ocorrendo a abertura minha e a dos pesquisados para que ocorresse o que no método BPI denominamos do surgimento de uma “relação amorosa” (RODRIGUES, 2003), “onde existe a confiança, a aceitação e o respeito mútuo. Uma relação que proporciona o crescimento humano de ambas as partes envolvidas” (TEIXEIRA, 2007, p.101).

Desde o primeiro encontro com Mãe Mirian, como descrevi no início deste artigo, ocorreu uma empatia mútua e senti que ela me acolheu. Aos poucos também os seus outros filhos de santo, no início um pouco desconfiados, foram se abrindo a investigação.

Nas primeiras idas a campo, ficava mais na observação, evitava fazer perguntas e registrava apenas os espaços do barracão. Esclareço aqui, que no início do estudo, Mãe Mirian me autorizou a realizar as pesquisas, mas me pediu que só fotografasse os espaços do seu terreiro e não o xirê, nem as incorporações, porque ela e seus filhos de santo estavam sofrendo preconceito na cidade. Ela não queria que as imagens coletadas fossem divulgadas em mídias sociais, como alguns convidados anteriormente tinham feito. “Espero que sejam usadas apenas no seu trabalho da Universidade”, destacou.

Sendo assim, evitei ao máximo os registros audiovisuais, realizando só os diários de campo. Numa das primeiras idas a campo, numa festa de obrigação de Ogum em 2015, de um dos iniciados mais antigos da casa, o R., outro filho de santo de Ogum, o já citado M., quando viu minha câmera nos ombros reforçou o pedido de Mãe Mirian. Ele neste dia ficou me observando o tempo inteiro, como se também me investigasse. Só no

final da festa, abriu um sorriso, como se aprovasse a minha presença ali. O M. inclusive foi um dos que depois se abriu bastante para o estudo e me deu depoimentos significativos sobre o terreiro, sobre o candomblé e a sua história.

Mãe Mirian sempre me acolheu bem. A sua força, vitalidade associada a sua generosidade sempre me chamaram a atenção. No final da festa de São Cosme e São Damião, que já era a minha quinta ida a campo, ela me chamou para me dar um pacote de balas para eu levar para minha filha e me perguntou se eu queria me iniciar no candomblé. Respondi-lhe que não, porque apesar de adorar os rituais e as danças, estava ali como pesquisadora e que precisava de distanciamento para realizar o meu estudo. Ela me disse que, tinha me observado e que percebeu que eu ficava atenta a movimentação do xirê, dançando perto das filhas de santo. Realmente, ficava sempre próxima a elas e apreendia o pulso dos movimentos no xirê e até alguns cantos.

Quando fui embora de Maceió para Campinas, no dia que fui me despedir dela, ela me presenteou jogando os búzios para mim e me abençoou no final da nossa conversa.

A cada ida a campo, sentia que ia me aproximando mais dos investigados. C., filho de Oxumaré^{xvii} me convidou para vir a sua festa em agosto do ano passado. Não pude comparecer e o enviei um recado pelo WhatsApp lhe agradecendo e o cumprimentando. Para minha surpresa, ele me enviou pelo mesmo aplicativo, um vídeo dos momentos mais bonitos da sua festa, em que incorporou seu orixá e dançou. Aquele gesto confirmou mais uma vez a sua confiança em mim.

Na festa de Iemanjá do ano passado, Mãe Mirian, depois que fizemos as oferendas ao mar, convidou-me a ir com ela de carro de volta ao terreiro e me apresentou a um amigo seu, destacando que eu vinha de longe, de São Paulo, só para ver aquela festa. E me chamou na hora do banquete final a me sentar do seu lado. Este e outros gestos de gentileza e atenção, confirmavam que estava sendo aceita por ela e por todo o grupo investigado. Além dos depoimentos que me deu neste dia sobre as histórias em torno de Iemanjá. (que já foram relatados).

Na festa da Sereia do Mar, já me sentia bem próxima de todos, apesar de pela distância não morar mais em Maceió, não poder comparecer a todas as festas. Quando ia, todos me cumprimentavam e em especial, o M., o C., Mãe Pequena e Mãe Mirian.

Mas foi na festa de Ogum neste ano, quando já estava mais aberta internamente e eles também, que percebi que co-habitei, como falamos no BPI^{xviii}. No meio da festa, quando os filhos de Santo estão para sair da porta próxima à Camarinha, para adentrar no espaço do barracão e dançar, percebi que estava ali, próxima a eles, onde só ficam os iniciados mais velhos ou as ekedis^{xix}.

Comentei, então, com C. que estava do meu lado: Não posso ficar aqui? Os filhos de santo já vão sair da Camarinha? C. me acalmou falando: “Você pode! Você já é como se fosse da casa!” Na hora refleti sobre isso, senti mesmo por alguns minutos, como se fosse uma iniciada, como se pudesse ficar ali. Inclusive, lembrei-me que nas outras festas ficava mais distante dali, ou nas laterais ou na porta do barracão.

E ainda, neste dia, Mãe Mirian me autorizou a fotografar parte dos rituais. Então fotografei a saída de N., filho de Ogum da camarinha e de outras duas filhas de Oxum. Revendo as fotos, lembro-me o quanto foi simbólico isto, estava na fronteira, não sou iniciada em candomblé, mas por alguns minutos me senti como se fosse algum deles. Fotografei os filhos de santo neste momento, que é um dos mais importantes do ritual, pois quando saem da camarinha, os corpos estão contidos, mas potencializados, as máscaras do rosto estão bem expressivas. É um momento de contenção destes corpos para depois liberarem suas movimentações com toda a expressividade no xirê.

Para completar, naquele dia tive uma surpresa. Quando falei a Mãe Mirian que iria no próximo ano fazer uma apresentação teórica e talvez prática das minhas investigações sobre o terreiro dela e que iria convidá-la, como a todos filhos de santo para irem a UFAL para assistirem, ela me indagou: “Por que você não faz a sua apresentação também aqui?” E emendou: “Por que você não vem também dar umas aulas de Samba de roda para minhas filhas de santo? Você não é professora de dança?”

Fiquei no momento sem saber o que falar. Aquilo era o máximo da aceitação e uma oportunidade única para poder agradecê-los. Acatei o convite e pretendo mesmo ministrar no início de 2018, uma oficina de samba de roda aos filhos de santo junto com uma partilha teórica sobre o meu estudo. A apresentação artística ficará para ser realizada em outro momento.

Os laboratórios e o que começa a emergir no corpo da bailarina-pesquisadora-intérprete.

A partir de março de 2016, comecei a realizar laboratórios dirigidos por Graziela Rodrigues nas suas aulas de Dança do Brasil, ministradas para os alunos do curso de graduação em dança na Unicamp. Como escreve Graziela Rodrigues (2010, p.112):

Os laboratórios são espaços individualizados, a princípios circunscritos em torno da pessoa, configurando um espaço do próprio corpo, denominado de Dojo, que depois, à medida que o corpo vai ganhando projeções no espaço, amplia-se para dar acolhimento cada vez mais à representação das imagens internas.

Uma preparação interna da técnica de dança^{xx} e da técnica dos sentidos^{xxi} do BPI é complementada pelo trabalho de DOJO. Nele, deixamos emergir através do nosso corpo: as imagens, sensações, emoções e movimentos. No meu caso, o corpo estava cheio de imagens, sensações, emoções e movimentos das pesquisas, que começaram a serem aos poucos expressas.

No início deste processo, vieram modelagens no meu corpo de vários corpos dos pesquisados, às vezes trazia as movimentações de Mãe Mirian, outras dos filhos de santo que incorporavam Erês. Ainda, nesta fase, comecei a modelar corpos que não tinha investigado diretamente, mas que meu corpo de alguma forma tinha captado em campo, como os das catadoras de caranguejo, que vivem nos manguezais, que são paisagens que rodeiam Maceió, que tinha visto novamente no final da Festa de Nanã.

Com o tempo, mas precisamente em fevereiro deste ano, durante uma disciplina da pós-graduação ministrada por Graziela Rodrigues e Larissa Turtelli^{xxii}, começou a se repetir uma modelagem corporal que intitulei de “Mulher do mar”. Esta mulher é negra, mais velha, tem um corpo grande, volumoso, mãos e pés grandes, um corpo aterrado. Tem força!

Na história desta modelagem, ela tem uma relação afetiva com o mar, com o pescador do qual se despede, é filha de Iemanjá, faz oferendas a ela no mar, participa de um terreiro de candomblé. Vinha muito duas paisagens no meu dojo: a de “praia e a de um terreiro”, com um congá para Iemanjá e São Cosme e Damião. Este congá foi, inclusive, sendo um pouco elaborado, exteriorizado desde o curso de fevereiro, para ajudar a clarear o que estava emergindo do meu corpo.

No terreiro, ela fazia movimentos de bater a cabeça no congá e para a mãe de santo e movimentos como se ora incorporasse uma Iemanjá e ora um Erê. Quando a

mulher do mar incorporava Erê, geralmente emergia do meu corpo, movimentos mais leves e rápidos, de capoeira de angola, de rolar no chão, de empinar pipa e de se esconder atrás da saia rodada, que uso nos laboratórios. O sentimento era de alegria e a sensação era de liberdade.

Quando a mulher do mar estava na praia, um dos movimentos que realizava era o de fazer renda e o puxar o fio para tecer a renda que se transformava às vezes, no movimento de puxar uma rede de pesca do mar.

Este movimento de fazer renda/fazer rede se repetia no dojo e quando fui a campo em abril para a festa de Ogum, Graziela Rodrigues me orientou a não só investigar no terreiro, mas a pesquisar jangadeiros, pescadores e rendeiras. Fui, então, em Maceió, em 22/04/2017 à Comunidade dos Pescadores do Pontal da Barra, onde oitenta por cento das rendeiras de filé^{xxiii}, são mulheres de pescadores.

Neste dia, andando pelas ruas do Pontal me deparei com um pescador. Seu J. estava costurando a sua rede, ou melhor, o fio de chumbo que a contornava. (...) Conversando com ele, confirmou-me que o movimento de costurar a rede de pesca é parecido com o movimento de fazer o filé. Sua esposa rendeira nos escutou e também confirmou este dado. Ela disse que: “o trabalho dos dois com a agulha era parecido, só mudava os materiais. Na rede de pesca, o fio é de náilon e na renda de filé, o fio é de algodão ou de outra fibra natural”.

Após esta vivência, confirmo que o trabalho do BPI no dojo aumenta a percepção corporal do bailarino-pesquisador-intérprete a ponto de nele emergir imagens, movimentos, sensações e emoções que encontraremos depois na pesquisa de campo, como foi o meu caso, relatado aqui.

Os laboratórios dirigidos aliados as pesquisas de campo, aprofundam o inventário no corpo, desvelando emoções, sensações, imagens, movimentos adormecidos, até então desconhecidos do intérprete. Esta pesquisa tocou –me tanto que, nos meus dojos começaram a vir lembranças de imagens da minha infância (com 5 anos), até então obscuras e associadas a sentimento de tristeza, a sensação de abandono que ainda estão sendo desdobradas e que me ajudam, aos poucos, a “desamarrar o meu corpo para dançar”.

Não por acaso, relendo meus diários de campo, em todas as idas ao terreiro, destaca-se nas descrições a figura dos Erês. E que nas festas que investiguei, as que mais me sensibilizaram foram a de Iemanjá e de São Cosme e Damião.

A modelagem da mulher do mar em meu corpo, descrita sucintamente aqui, traz a ligação com Iemanjá e Erê, que simbolizam a mãe e as crianças, aspectos que estão sendo trabalhados na minha história pessoal, a minha infância e a relação com a minha mãe.

Não por acaso, um dos movimentos que consegui liberar num dojo, que tem se repetido é o de uma criança empinando pipa. Também, tenho trazido, atualmente, nos meus dojos imagens das paisagens próximas ao terreiro: as ruas do centro de Maceió, que estão de dia e de noite com inúmeros menores abandonados.

A força x a fragilidade, o aconchego x o abandono, a alegria x a tristeza, essas sensações e emoções tenho sentido no meu corpo no trabalho dos laboratórios.

Recentemente ainda, tem emergido do meu corpo o outro lado da modelagem da mulher do mar, que começou a se repetir após a última ida a campo, na festa de Ogum. É a modelagem dela, as vezes mais nova, dançando samba de roda e também sendo bandeira de um cortejo de São Cosme e São Damião seguido por crianças. Leva a bandeira por ruas de paralelepípedo, protege e abençoa com seu estandarte as crianças que moram na rua.

Esclareço aqui, que os laboratórios continuarão e que, não incorporei ainda uma personagem, como acontece no eixo estruturação da personagem no BPI, “onde o intérprete *ganha um corpo novo* fruto de seu *inventário no corpo* com o *co-habitar com a fonte*. O resíduo de toda a experiência vivida até então, brota num corpo regenerado porque atingiu as suas forças de vida graças à co-habitação com outros corpos” (RODRIGUES, 2010, p.110).

Num futuro próximo, pretendo abrir o meu dojo aos investigados como forma também de agradecê-los pelos ensinamentos.

Considerações finais:

“O pesquisador, ao estabelecer uma fina sintonia no contato com o outro, poderá sintonizar-se consigo mesmo e se conhecer” (RODRIGUES, 2003).

Como descrevi neste artigo, uma “relação amorosa” foi construída aos poucos, com os investigados, o que favoreceu o meu co-habitar no final de quase dois anos de estudo. Aprendi e recebi neste campo, além dos ensinamentos sobre o candomblé, gestos de gentileza e de generosidade. A prova disso, como descrevi aqui, foram os convites de Mãe Mirian na última ida a campo deste ano, para dar aulas de samba de roda no seu terreiro, dançar lá e assim, partilhar a minha pesquisa para eles. Concluo que, sabendo que o seu terreiro é um dos mais tradicionais de Maceió, isto foi uma boa surpresa e sinal de aceitação.

Graziela Rodrigues (2010, p.112) ainda nos fala sobre a pesquisa de campo no BPI: “(...) Lugar de coincidências, porque funciona como espelho para o intérprete. É o momento de ir para a fora, para em seguida realizar um retorno mais profundo dentro de si”.

Concluo ainda que, não escolhi este campo aleatoriamente, pois nele encontrei em vários momentos sensações, emoções, imagens e movimentos que sensibilizaram meu corpo. Foi um novo mergulho no meu inventário e sinto que meu corpo ainda está processando todas estas significativas experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALCÂNTARA, Vitória. “Cem anos de solidão”. In **Graciliano**- Ano V- Número 13. Maceió: Editora Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidade nagô**, Petrópolis, RJ; Vozes, 2008.

MARTINS, Cléo. **Nanã: a senhora dos primórdios**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MARTINS, Suzana M. C. **A dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo**. Salvador: EGBA, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação**, Rio de Janeiro: Funarte, 2005.

-----, **O método BPI (bailarino-pesquisador-intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de**

bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método. 2003. Tese (Doutorado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

-----, Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) e a Dança do Brasil. In: NAVAS, C.& ISAACSSON, M.& FERNANDES, S. (org.) **Ensaio em Cena**. Salvador: ABRACE, 2010.

SANTOS, IRINÉIA MARIA FRANCO DOS. **O axé nunca se quebra: transformações históricas em religiões afrobrasileiras, São Paulo e Maceió (1970-2000)**. Maceió: EDUFAL, 2014.

TEIXEIRA, Paula Caruso. **O Santo que dança: uma vivência corporal a partir do eixo co-habitar com a fonte do Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

ⁱ Nesta época era docente do curso de licenciatura em Dança da UFAL- Maceió-AL.

ⁱⁱ O conga é um pequeno grande espaço alojado rente a uma parede do terreiro e comporta as imagens da fé e do afeto representados pelos santos, entidades e objetos vários eleitos para serem os instrumentos que geram a força do movimento. (RODRIGUES, 2005,p.96)

ⁱⁱⁱ No inventário no corpo, um dos eixos do método BPI (...) “estão as bases do Processo do Bailarino-Pesquisador-Intérprete (...). Nessa fase introdutória, a memória do corpo é ativada, possibilitando que, ao longo do Processo, ocorra uma autodescoberta quanto às próprias sensações, sentimentos, história cultural e social (...) Significa a liberação de gestos vitais porque estão incrustadas na história de vida da pessoa, propiciando-lhe a abertura de seu processo criativo” (RODRIGUES, 2003, pp 79, 96).

^{iv} Líderes religiosos de cerca de 30 terreiros de Maceió foram espancados. Alguns fugiram naquela madrugada. A maioria, para não voltar nunca mais. Na bagagem, uma única riqueza: a cultura negra. No coração, a esperança de fazer nova morada em Pernambuco, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro... Outros foram obrigados a carregar uma trouxa na cabeça com o que foi retirado de seus terreiros. Foi o desfile da humilhação pública. Objetos que escaparam do fogo foram expostos à população e, à época, viraram alvo de execração pública. (ALCÂNTARA, 2012, p.21).

^v A própria Mãe Mirian me explicou na primeira conversa que tivemos a diferença entre candomblé e jurema: “O candomblé é o culto à natureza, aos orixás. É o culto a terra, a água, ao fogo, ao ar. Os orixás são deuses ligados às forças da natureza. Iemanjá é a protetora das águas salgadas, Oxum dos rios e assim por diante. (...) Já na jurema, a gente trabalha com os que já se foram, os Caboclos, os Boiadeiros, as Pretas velhas...”

^{vi} O espaço mato nos terreiros de candomblé é do qual são retirados as ervas para vários rituais. Nota da primeira autora

^{vii} Camarinha é o quarto, aposento do terreiro, onde ficam os iniciados do candomblé. Segundo Augras (2008, p.82): “(...) *camarinha*, ou, em ioruba, *roncó*, que significa *caminho*. É por lá que passará todo o tempo da iniciação (...)”.

^{viii} “A ferramenta de Nanã é o particularíssimo ibiri, trazido por suas sacerdotisas na mão direita (...). A referida ferramenta, semelhante a um cajado, é constituída por um atado de nervuras de palmeira, enfeitado de búzios e vários tipos de contas, reunidos por intermédio de uma tira de couro” (MARTINS, 2011, p. 84-85).

^{ix} Segundo Rodrigues (2005, p. 46): “o esforço máximo –penetração, enraizamento”.

^x No candomblé, segundo Augras (2008, p.64): “Axé é a força mágico-sagrada, a energia que flui entre todos os seres, todos os componentes da natureza. (...) Os ritos objetivam adquirir, manter, transferir e aumentar a força. Pode-se dizer que a essência dos rituais é precisamente a fixação e o desenvolvimento do axé “.

^{xi} Segundo Rodrigues (2005, p.91): “No candomblé, os atabaques (...) são tocados pelos ogãs. Os ogãs são pessoas devotadas aos instrumentos (...)”.

^{xii} Esclareço que os nomes dos outros filhos de santo investigados foram abreviados neste artigo, para manter a privacidade deles. Somente foi citado o nome de Mãe Mirian.

^{xiii} Segundo Rodrigues (2005, p.51): “A postura perpendicular, inclinação do mastro-coluna à frente, torna-se presente para uma maior agilidade dos movimentos com tempos rápidos”.

-
- ^{xiv} Estes orixás masculinos estão ligados a determinados elementos da natureza. Segundo Augras (2008, p. 90): “Oxossi, o caçador da floresta; (...) Xangô, rei do trovão (...)”.
- ^{xv} No tônus de resistência (...) a imagem que o corpo apresenta é de densidade. (RODRIGUES, 2005, p. 84)
- ^{xvi} Segundo Rodrigues (2005, p. 51): “A verticalidade é a prima postura (...)”.
- ^{xvii} Segundo Augras (2008, p. 122): “Oxumaré é o arco-íris, grande cobra que se enrosca em volta da terra e do céu, assegurando a unidade do mundo e sua perene renovação”.
- ^{xviii} No co-habitar com a fonte, que é um dos eixos do BPI, as idas a campo, as observações, a abertura para o outro leva o bailarino-pesquisador-intérprete a um momento em que ele se sente parte da paisagem investigada, mas sem perder a sua identidade. Nesse momento, podemos dizer que ele co-habitou. Nota da primeira autora.
- ^{xix} “As *ekedis* são mulheres devotadas ao serviço de determinado orixá “(AUGRAS, 2008, p. 187).
- ^{xx} Como esclarece Rodrigues (2010, p.110) sobre a *técnica de dança do BPI*: “o método BPI dispõe de uma grande quantidade de pesquisas de campo, em diversos segmentos sociais, incluindo-se povos indígenas e culturas africanas no Brasil, principalmente estudadas através dos rituais afro-brasileiros e das festividades detentoras de uma forte resistência cultural. A autora estudou e decodificou as técnicas corporais aí existentes, identificando uma organização física e sensível do corpo que não é considerada na Dança erudita ou de palco. Estes estudos foram sistematizados no que veio a ser chamado *Estrutura Física e Anatomia Simbólica*”.
- ^{xxi} Segundo Rodrigues (2010, p. 111): “A *técnica dos sentidos* está integrada à técnica de dança, sendo trabalhada nos três eixos do método. São circuitos de imagens/ sensações/ emoções/movimentos, não importando a ordem com a qual eles se apresentem. É um referencial para o intérprete trafegar em seu corpo um conteúdo que se tornará consciente”.
- ^{xxii} A disciplina se intitulava: Laboratório de Criação II - *Arquiteturas do corpo no Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete)*
- ^{xxiii} O filé é um tipo de renda muito tradicional no nordeste brasileiro, em especial, em Alagoas. Tem inúmeros desenhos, geralmente que lembram flores e por isso recebem também nomes de flores: jasmin, rosa primo, entre outros. Nota da primeira autora.